

INFÂNCIAS QUE SE REVELAM EM TERRITÓRIOS BRINCANTES

Rochele R. Andreazza Maciel¹
Ramon da Silva Rosario²

RESUMO

Este estudo investiga a presença do brincar na infância em diferentes territórios escolares de uma cidade da Serra Gaúcha, compreendendo-o como uma linguagem espontânea, intersubjetiva e simbólica, por meio da qual as crianças produzem sentidos e significados para se comunicarem com o mundo. Ancorada nos aportes teóricos da sociologia da infância, da educação infantil e dos estudos do brincar, a pesquisa parte do entendimento de que o brincar constitui uma dimensão fundamental das experiências infantis, expressando modos próprios de ser, estar e interpretar a realidade. A metodologia utilizada na investigação é de natureza qualitativa, que se vale de observações em contextos escolares, registros narrativos, diário de bordo e análise das interações infantis em distintos espaços institucionais. Os territórios escolares são concebidos não apenas como espaços físicos, mas como produções simbólicas e relacionais, atravessadas por práticas, culturas e relações sociais. Os resultados evidenciam que o brincar emerge como uma linguagem potente, por meio da qual as crianças expressam emoções, constroem vínculos, negociam sentidos e elaboram leituras singulares sobre o cotidiano escolar e social. As múltiplas expressões do brincar corporais, verbais, imaginativas e simbólicas revelam a capacidade das crianças de ressignificar os espaços, transformando-os em territórios brincantes, nos quais se produzem culturas infantis. Observa-se, ainda, que a escuta sensível das manifestações lúdicas permite reconhecer as crianças como sujeitos sociais competentes, produtores de cultura e protagonistas de suas experiências. Conclui-se que o brincar, quando reconhecido como linguagem, amplia as possibilidades de compreensão das infâncias e tensiona práticas pedagógicas marcadas por perspectivas adultocêntricas e instrumentais. O estudo contribui para reafirmar a centralidade do brincar na Educação Infantil e a importância de políticas e práticas que garantam tempos, espaços e territórios que acolham as múltiplas formas de expressão das crianças.

Palavras-chave: Infâncias, Brincar, Territórios.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as crianças participam de uma rede de informações que se propaga em meios cada vez mais complexos, deparando-se com linguagens, comportamentos, conhecimentos e informações que, a cada dia, distanciam-se mais daquelas esperadas para sua idade, fazendo com que tenham seus valores profundamente alterados.

¹ Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade de Caxias do Sul- UCS. ramacie@ucs.br

² Graduando no curso de medicina, Universidade de Caxias do Sul – UCS. rsrosario@ucs.br



Diante desse panorama, vivem-se em um curto espaço de tempo, transições de uma nova concepção de sociedade, um novo conceito de democracia e uma nova ordem social. Novos valores são agregados a essa ordem social. Rinaldi (2016, p. 167) destaca que alguns fatores influenciam nesse processo de mudança, como por exemplo, as novas tecnologias e o fenômeno da globalização, que modificaram e continuarão modificando a identidade de muitos cidadãos. A nova sociedade propõe e impõe novos valores, novas relações entre as pessoas e novos conceitos de tempo e espaço. O Brasil vem passando por esse momento de mudanças no perfil social de forma acentuada nesse após o período pandêmico, bem como pelas exigências da legislação e de uma nova sociedade que tenta progredir à luz do processo de nova configuração na sociedade civil. De forma agravada, apresenta algumas características próprias de país em desenvolvimento, entre as quais enorme desigualdade na distribuição da renda e imensas deficiências no sistema educacional.

No âmbito do sistema educacional, especialmente na Educação Infantil, as transformações no perfil social brasileiro, intensificadas no período pós-pandêmico, impactam diretamente as práticas pedagógicas, a organização dos espaços e as formas de interação nos contextos escolares com as crianças.

Sob essa perspectiva, o estudo traz discussões de um retorno da pesquisa dos territórios brincantes entendendo às infâncias, no plural, afirmando o rompimento com concepções universalizantes, e lógicas adultocêntricas, alinhando-se aos estudos da sociologia da infância, que reconhecem as crianças como sujeitos sociais ativos, produtores de cultura e protagonistas de suas experiências (SARMENTO, 2003; CORSARO, 2011).

Nesse sentido, o estudo propõe um deslocamento do olhar: de uma infância silenciada para uma infância que se expressa por meio de múltiplas linguagens, especialmente o brincar, entendido como prática simbólica, relacional e cultural. Desse modo, ampliando o entendimento dos espaços educativos, compreendendo-os como construções que emergem das interações, das experiências e das apropriações realizadas pelas crianças. Não se trata apenas de espaços físicos, mas de territórios produzidos no e pelo brincar, nos quais as crianças ressignificam ambientes, constroem vínculos e produzem sentidos sobre o mundo. Como destaca Horn (2004), os espaços na Educação Infantil ganham significado a partir das relações que neles se estabelecem, sendo continuamente transformados pelas ações das crianças.



Neste cenário, o brincar emerge como uma dimensão central da experiência infantil, constituindo-se não apenas como atividade recreativa, mas como uma linguagem por meio da qual as crianças interpretam, significam e ressignificam o mundo. Ao brincar, as crianças constroem narrativas, estabelecem relações sociais, elaboram emoções e produzem cultura. Este artigo tem como objetivo investigar a presença do brincar na infância em diferentes territórios escolares de uma cidade da Serra Gaúcha, compreendendo-o como uma linguagem espontânea, intersubjetiva e simbólica, por meio da qual as crianças produzem sentidos e significados para se comunicarem com o mundo.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se de natureza qualitativa, que, conforme argumentam Bogdan e Biklen (1994, p. 16), esse método envolve diretamente o ambiente escolar e seus sujeitos, contribuindo para evidenciar a relação entre macro e microcosmos e para desvelar a dinamicidade escondida nas cenas do ritual cotidiano.

Desse modo, buscou-se compreender as experiências das crianças em seus contextos escolares por meio de observações semanais realizadas pelas professoras em diferentes espaços e momentos da rotina da Educação Infantil, em instituições situadas na Serra Gaúcha (RS). A pesquisa teve como procedimentos metodológicos a realização de observações sistemáticas das interações infantis, registros em diário de bordo, produção de narrativas descritivas e análise interpretativa das situações de brincar, durante quatro semanas. Tal abordagem possibilitou captar a complexidade das experiências infantis, valorizando as expressões corporais, gestuais e verbais das crianças, bem como suas interações e modos de significar o cotidiano escolar.

Assim, a escolha metodológica adotada mostrou-se pertinente aos objetivos do estudo, ao possibilitar uma aproximação sensível e interpretativa das experiências infantis em seus contextos cotidianos. Ao privilegiar o olhar atento às interações, às expressões e às múltiplas linguagens das crianças, foi possível compreender o brincar como prática social e culturalmente situada, evidenciando sua potência na produção de sentidos e na constituição das culturas infantis nos territórios escolares.



REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A criança é um ser curioso, ativo, cheio de energias, com disposição e interesse pelas coisas do mundo. É um universo plural, e dinâmico, constituído por sorrisos, gestos, choros, movimentos, descobertas e interações. É nesse entrelaçamento de experiências, que envolvem afetos, expressões corporais, sons, silêncios e relações, que as crianças se constituem como sujeitos.

Nesse processo, evidencia-se que a infância não pode ser compreendida apenas como uma etapa biológica do desenvolvimento, mas como uma construção social e cultural, atravessada por contextos, tempos e territórios diversos. As crianças, portanto, não apenas recebem influências do meio, mas também o transformam ativamente, por meio de suas ações, interações e formas próprias de expressão, revelando sua agência na produção de culturas infantis.

Nessa perspectiva, o brincar assume centralidade como linguagem privilegiada da infância. Conforme destaca Maciel (2012) esclarece que o tempo de infância atual pode ser marcado pela possibilidade de brincar, quando a imaginação e a criação se articulam para ampliar sua via cultural, sendo também de onde partem suas criações e oportunidades para a construção de diferentes capacidades, habilidades e valores. É nesse movimento que emergem suas produções simbólicas, suas narrativas e suas formas de compreender o mundo, constituindo-se também como espaço fecundo para o desenvolvimento de diferentes capacidades, habilidades e valores.

Além disso, ao brincar, as crianças experimentam papéis sociais, elaboram emoções, constroem vínculos e negociam regras, evidenciando processos complexos de aprendizagem e socialização. Assim, o brincar não se reduz a uma atividade espontânea ou recreativa, mas configura-se como um campo de produção de conhecimentos, no qual as crianças interpretam, recriam e ressignificam a realidade em que estão inseridas.

Ao longo deste estudo, foi possível dar visibilidade a essas múltiplas formas de existir, evidenciando a infância como um campo de produção de sentidos, no qual as crianças se expressam, comunicam e significam o mundo por meio de suas próprias linguagens. Essa compreensão encontra respaldo em documentos orientadores da Educação Infantil, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e a Base Nacional Comum



Curricular (BNCC, 2017), os quais representam avanços ao reconhecerem o movimento e o brincar como dimensões estruturantes da aprendizagem e do desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, o RCNEI destaca a importância de oportunizar às crianças experiências que favoreçam o conhecimento de si, a exploração do corpo e a descoberta de seus limites nas situações cotidianas. Em consonância, a BNCC (2017) assegura direitos de aprendizagem — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se — que se articulam diretamente aos eixos estruturantes para interagir e brincar, reafirmando, assim, a centralidade dessas práticas na Educação Infantil.

No período da infância, o brincar constitui-se como uma das experiências mais prazerosas e enriquecedoras, por meio da qual as crianças constroem conhecimentos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Nesse sentido, Jorge Larrosa (2004, p. 25-26) ressalta a infância como um tempo privilegiado de experiências, marcado pela intensidade e diversidade dos encontros vividos. A partir das observações realizadas com as crianças em diferentes territórios da cidade, foi possível compreender a infância como um tempo de experimentação, no qual o brincar se revela como linguagem central. Nos espaços escolares investigados, as crianças puderam experimentar, descobrir, criar e recriar saberes e vivências, atribuindo sentidos às suas experiências cotidianas. Além disso, os distintos territórios evidenciaram que, mesmo diante de limitações de infraestrutura e de recursos materiais, o brincar se reinventa nas interações, nas possibilidades do espaço e na potência criativa das próprias crianças, reafirmando seu papel fundamental no desenvolvimento infantil.

Os espaços escolares são continuamente ressignificados pelas crianças, que, ao se apropriarem dos ambientes institucionais, os transformam em territórios de experiência e criação. Durante as observações realizadas, foi possível identificar que um canto da sala de referência frequentemente se convertia em uma casa, organizado pelas próprias crianças com objetos disponíveis, enquanto o pátio assumia a configuração de um território de aventuras, marcado por percursos, desafios e narrativas coletivas. Essa capacidade de reinvenção evidencia a potência criativa das crianças e sua agência na produção de territórios brincantes, conforme apontam Brougère (2010) e Horn (2004), ao compreenderem o espaço não apenas em sua materialidade, mas como construção simbólica e relacional.

Nesse contexto, as crianças mobilizam o brincar como uma forma privilegiada de expressão de sentimentos, construção de vínculos e produção de relações de pertencimento. Nas situações observadas, o faz-de-conta emergiu com frequência, evidenciado em



brincadeiras de família, escola e profissões, nas quais as crianças assumiam papéis sociais, organizavam enredos e negociavam sentidos coletivamente. Jogos simbólicos e brincadeiras coletivas tornaram visível a dimensão afetiva que atravessa as interações, revelando modos singulares de as crianças se relacionarem entre si e com o mundo. De acordo com Kishimoto (2011), o brincar constitui uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, na medida em que articula imaginação, emoção e interação social. Observou-se, ainda, que, no interior dessas experiências, as crianças negociavam regras, papéis e significados, lidando com conflitos, propondo soluções e reorganizando as brincadeiras, o que evidencia suas capacidades de

argumentação, escuta e construção coletiva, reforçando seu papel como sujeitos ativos na produção de sentidos, conforme também destaca Corsaro(2011).

O brincar enquanto linguagem expressiva é indispensável à aprendizagem, para a criança, pois potencializa a exploração e a construção do conhecimento. Isso é um dado reconhecido por pesquisadores no campo da psicologia e da educação e profissionais que atuam na educação da criança. Assim, sabemos que no brincar, as respostas não estão prontas, pois precisam ser elaboradas a partir de cada situação que se apresenta, ou seja, é descoberta, espírito investigativo, criação, recriação. No brincar está presente à dimensão de risco, do prazer da surpresa e da curiosidade, numa aventura que convida constantemente o brincante a rever e a produzir.

As brincadeiras observadas demonstram, portanto, que as crianças produzem culturas próprias, marcadas por referências compartilhadas, códigos simbólicos e formas específicas de interação. Conforme destaca Corsaro (2011), essas culturas infantis se constituem em processos de reprodução interpretativa, nos quais as crianças não apenas assimilam a cultura adulta, mas a transformam e recriam. Trata-se de culturas dinâmicas, em constante movimento, que se (re)constroem nas relações cotidianas e nos múltiplos contextos de convivência infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões, conclui-se que o brincar, quando reconhecido como linguagem, amplia as possibilidades de compreensão das infâncias e tensiona práticas



pedagógicas historicamente marcadas por perspectivas adultocêntricas e instrumentais. Ao evidenciar o protagonismo das crianças e sua capacidade de produzir sentidos, o estudo reafirma a necessidade de deslocar o olhar sobre a Educação Infantil, compreendendo-a como um espaço de experiências, interações e construções culturais.

As observações realizadas em diferentes territórios revelaram que, mesmo diante de limitações estruturais e materiais, as crianças produzem e reinventam espaços, transformando-os em territórios brincantes, nos quais expressam suas culturas, estabelecem vínculos e constroem conhecimentos. Tal constatação reforça que o brincar não depende exclusivamente de recursos, mas da garantia de condições que respeitem os tempos, interesses e modos de ser das crianças.

Nesse sentido, o estudo contribuiu para reafirmar a centralidade do brincar na Educação Infantil e a importância de políticas públicas e práticas pedagógicas que assegurem tempos, espaços e territórios que acolham as múltiplas formas de expressão das crianças. Implica, ainda, reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, produtores de cultura e participantes ativos na construção do cotidiano educativo.

Por fim, aponta-se a necessidade de continuidade de investigações que aprofundem a relação entre infância, brincar e territórios, especialmente em contextos diversos, de modo a subsidiar práticas pedagógicas mais sensíveis, inclusivas e comprometidas com as experiências das crianças em sua pluralidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade de Caxias do Sul, o Programa de Pós-Graduação em Educação e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul- Fapergs.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.



HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MACIEL, Rochele R. **Linguagem poética e corporal.** Caxias do Sul: Educs, 2012.

MACIEL, Rochele Rita Andrezza; PISTORELLO, Marina Luisa de Lima Costa. Estágio supervisionado: experiências brincantes de “se-movimentar” na infância. **Revista Cocar**, Belém, v. 19, n. 37, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7525>. Acesso em: 2 abr. 2026.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância.** Braga: Universidade do Minho, 2003

